

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: 131

Data: 31.03.84

Pg.: 1a, 7

Foto de Jamil Bittar



No Xingu, até mulheres prontas para a guerra

Revoltados com a ausência do presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, que há sete dias se recusa a ir ao Xingu negociar com os índios txucarramãe que interditaram a BR-080 e seqüestraram a balsa que faz a travessia do rio, os caciques exigiram a nomeação de um novo presi-

dente para o órgão e recusaram a proposta de um encontro com Ferreira Lima em outro local. Ontem, os ânimos estavam mais exaltados na região e até as mulheres, mesmo amamentando os filhos (foto), empunhavam facções e bordunas, prontas para a guerra.

Página 7

190

MULHERES TAMBÉM SE PREPARAM PARA A GUERRA NO XINGU

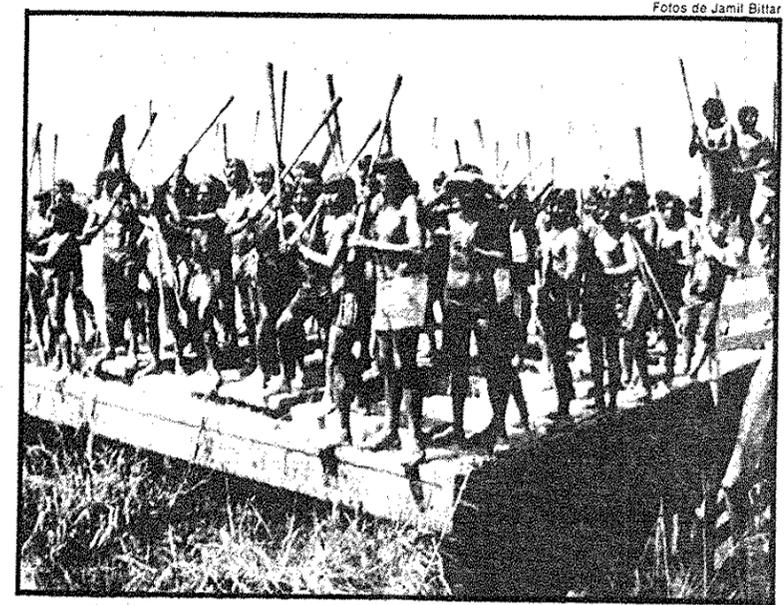
Índios querem a demissão do Presidente da Funai

Fotos de Jamil Bittar

SÃO JOSE DO XINGU (MT) — “Com este Presidente da Funai, nós não queremos mais conversar. Só vamos soltar a balsa se for nomeado outro presidente para a Funai”. A afirmação, refletindo o acirramento dos ânimos na aldeia do Kretire, dos txucarramãe, foi feita ontem pelo cacique Jarina Krumari, um dos líderes do movimento dos índios do Parque do Xingu, ao exibir uma faca para “tirar a orelha” de Otávio Ferreira Lima, caso ele vá ao local.



As mulheres índias exibem facões como prova de que também estão dispostas a lutar



Armados de bordunas, dezenas de índios guardam a balsa que apreenderam há uma semana

Ontem, os índios, inclusive mulheres — irritados com a ausência do Presidente e da Funai no sétimo dia de interdição da BR-080 e ainda preparados para a guerra, com facas e bordunas — exigiram a nomeação de um novo presidente para a Fundação até o início da próxima semana e recusaram todas as propostas de um encontro com Ferreira Lima em outro local.

TEMOR

O administrador do Parque do Xingu, Cláudio Romero, continua preso na aldeia do Kretire pelos txucarramãe, que não permitiram, durante a visita de ontem, qualquer conversa entre ele e os jornalistas. Além de revoltados com Otávio Ferreira Lima, os índios mostraram-se atemorizados, já que existe um contingente da Polícia Militar de Mato Grosso na área. O cacique Raoni,

líder dos txucarramãe, saiu anteontem à tarde com um grupo de 50 guerreiros — deixando 130 na aldeia — para vigiar a rodovia BR-080, que margeia o Parque, e até ontem pela manhã não havia retornado. Eles disseram ainda que, até a nomeação de um novo presidente para a Funai, ninguém entra mais na aldeia, nem mesmo a imprensa, a não ser que seja chamada por eles.

— Agora não adianta mais. Ele errou e não tem mais jeito de consertar o que fez — disse o índio Moicara, referindo-se a Otávio Ferreira Lima. Os índios explicaram que se Ferreira Lima tivesse ido anteriormente e tido um outro procedimento não sofreria qualquer constrangimento, mas agora “vamos cortar sua cabeça e comer suas tripas”.

Para o cacique Caiabi, a briga pode durar até dois ou três meses sem que eles liberem a balsa que faz a travessia do Rio Xingu. Prometem

no entanto, caso não seja nomeado novo presidente para a Funai, iniciar, por conta própria, em maio, a demarcação das terras que pretendem. Só que, nestas condições, aumentariam o Parque do Xingu em 40 km, e não apenas 15, à margem do rio, como vêm reivindicando.

Os caciques das sete tribos da nação Caiapó disseram que não pretendem atacar os fazendeiros que vivem nos arredores do Parque do Xingu, reafirmando que “nossa briga é com a Funai”.

Exaltado, o jovem guerreiro Ararapa, chefe dos Trumai, disse que, se algum avião da Funai pousar em São José do Xingu (a 40 km da aldeia), irão à cidade e o queimarão, mas, à primeira vista, a afirmação não representa a opinião de todos os guerreiros, que são chefiados pelos caciques.

A Polícia Federal, que chegou a São José do Xingu há três dias e teve

um contato com os índios à beira do rio anteontem, também foi proibida por eles de pousar no Kretire. A decisão foi tomada em rápida reunião e, numa carta enviada à Polícia pelo índio Megaron — sobrinho de Raoni e funcionário da Funai —, entregue pela imprensa, os índios pediram que os quatro agentes — que têm a missão de resguardar a segurança dos próprios índios — permanecessem na cidade.

— Vamos mostrar à Funai que não estamos brincando. Ninguém aqui é bobo nem criança, nós também pensamos — disse Ararapa. Ele estranhou o fato de o representante da Funai, Coronel Ercio Gomes Soares, que chegou a São José na terça-feira, não ter tentado contato com eles. Mas disse que, agora, é melhor que o Coronel vá embora.

— Ele ficou escondido lá e não foi homem para vir aqui — afirmou.

O acirramento dos ânimos na aldeia do Kretire, de segunda-feira para ontem, pôde ser sentido por todos No início da semana, embora inicialmente agressivos, os índios conversaram longamente e permitiram que os visitantes falassem com Cláudio Romero. Ontem, além de não permitirem contato com o administrador do Parque, deram menos de uma hora aos jornalistas para que permanecessem na aldeia e mantiveram-se durante todo o tempo com bordunas e facas nas mãos, mandando-os embora quando o prazo se esgotou. A Funai desaconselhou o pouso no Kretire, mas, quando os jornalistas retornaram a São José, o representante da Fundação pediu informações sobre a situação na aldeia.

O Coandante-Geral da PM, José Silvério, ao saber que os índios exigem agora a saída do Presidente da Funai, manifestou a intenção de ir a

Cuiabá para discutir o próximo passo a ser dado. Ele vai esperar, segundo informou, uma decisão política do Ministro do Interior ou do Governador do Estado, mas disse que a estrada tem que ser desinterditada.

Os quatro agentes da Polícia Federal também disseram que voltariam a Cuiabá para discutir uma nova estratégia, já que os índios não querem manter contato com eles.

● Os deputados amazonenses decidiram ontem, em Manaus, ap. os ouvirem o depoimento de 12 índios Satere-Mawe, no plenário da Assembleia Legislativa, encaminhar telex ao Presidente João Figueiredo e aos Ministros das Minas e Energia e Interior pedindo providências imediatas para o que consideram um crime grave: as bombas abandonadas pela empresa francesa Elf Aquitaine no território indígena, que causaram pelo menos quatro mortes, segundo as denúncias dos índios.